

**Congreso Iberoamericano de Educación**

**METAS 2021**

Un congreso para que pensemos entre todos la educación que queremos  
Buenos Aires, República Argentina. 13, 14 y 15 de septiembre de 2010

## **Acceso y permanencia en una educación de calidad**

### **A trajetória do jovem bolsista universitário no processo de formação acadêmica**

<sup>1</sup> Maria Aparecida Marques da Rocha

---

<sup>1</sup> UNISINOS

mamrocha@unisinós.br

**Resumo:** O artigo dialoga sobre o acesso e a permanência do jovem bolsista na universidade comunitária. Ele retrata uma parte de estudos oriundos de nossa tese de doutorado, cujo objetivo central constituiu-se em analisar como a moratória juvenil (vital e social) é interpelada pelo jovem bolsista na sua trajetória para a formação acadêmica na universidade comunitária. O pressuposto teórico central parte de uma concepção sócio-histórica e dialética da realidade, e, portanto, dos fenômenos sociais. O trabalho analisa os processos de exclusão/inclusão social do jovem bolsista universitário. Comenta sobre os desafios da universidade no Brasil e em especial no Rio Grande do Sul, principalmente no que tange a universidade comunitária e os processos de inclusão social que utiliza por meio dos programas de bolsas de estudo, como da Bolsa Filantropia e o Programa Universidade para Todos - PROUNI. Metodologicamente, optou-se pela pesquisa qualitativa, de caráter exploratório. Os sujeitos da pesquisa são os jovens bolsistas e os gestores vinculados aos programas de concessão de bolsa de estudos de uma universidade comunitária. Como resultado, observa-se que na busca pela ascensão social o jovem bolsista ingressa na universidade comunitária para fazer sua formação acadêmica, deparando-se com inúmeras dificuldades pela sua condição socioeconômica cultural que obstaculiza a sua permanência na Instituição de Ensino Superior com maior tranquilidade. Contradizendo os preceitos do sistema de ensino superior brasileiro que preconiza e defende que o jovem bolsista, por ter uma bolsa de estudos, tem assegurada a sua total inclusão na universidade comunitária. Constata-se isso na realidade acadêmica? O sonho do jovem bolsista em busca da ascensão social é concretizado pela sua permanência na Universidade? Não seria um processo de inclusão ilusória essa condição do jovem bolsista?

**Palavras - chave:** Jovem Bolsista. Moratória Juvenil. Universidade Comunitária. Exclusão/inclusão Social.

**Resumen:** El artículo dialoga sobre el acceso y la permanencia del joven becado en la universidad comunitaria. Este retrata una parte de estudios oriundos de nuestra tesis de doctorado, cuyo objetivo central constituyó en analizar como el plazo juvenil (vital y social) es interpelado por el joven becado en su trayectoria para la formación académica en la universidad comunitaria. El presupuesto teórico central parte de una concepción socio-histórica y dialéctica de la realidad, y, por lo tanto, de los fenómenos sociales. El trabajo analiza los procesos de exclusión/inclusión social del joven becado universitario. Comenta sobre los desafíos de la universidad en el Brasil y en especial en Rio Grande do Sul, principalmente en el que alcanza la universidad comunitaria y los procesos de inclusión social que utiliza por medio de los programas de becas de estudio, como de la Beca Filantropía y el Programa Universidad para Todos - PROUNI. Metodologicamente, se optó por la investigación cualitativa, de carácter exploratorio. Los sujetos de la investigación son los jóvenes becados y los gestores vinculados a los programas de concesión de becas de estudios de una universidad comunitaria. Como resultado, se observa que en la búsqueda por la ascensión social el joven becado ingresa en la universidad comunitaria para hacer su formación académica, deparándose con innúmeras dificultades por su condición socioeconómica cultural que obstaculiza su permanencia en la Institución de Educación Superior con mayor tranquilidad. Contradiendo los preceptos del sistema

de enseñanza superior brasileiro que elogia y defiende que el joven becado, por tener una beca de estudios, tiene asegurada su total inclusión en la universidad comunitaria. Se constata eso en la realidad académica? El sueño del joven becado en búsqueda de la ascensión social es concretizado por su permanencia en la Universidad? No sería un proceso de inclusión ilusoria esa condición del joven becado?

**Palavras - Claves:** Joven becado. Plazo juvenil. Universidad Comunitaria. Exclusión/inclusión Social.

## 1. A INDAGAÇÃO

Há uma década trabalhamos em uma área acadêmica que trata da acolhida e orientação para alunos que vivenciam dificuldades de ordem social, econômica, emocional, de aprendizagem em uma universidade comunitária. Esse espaço recebe um grande número de estudantes dos diversos cursos de graduação, que buscam formas de lá encontrar respostas para suas angústias, aflições, inseguranças, mas principalmente procuram auxílio, apoio para a concretização de seus estudos. Por ocasião das abordagens realizadas, por nós ou pelos outros profissionais da equipe de trabalho, principalmente quando se trata de assunto socioeconômico, trazem seus anseios de poder ascender na vida. Para que isso possa vir a ocorrer necessitam de uma oportunidade para concluírem a formação superior. Alguns relatam, inclusive, que em suas famílias, são os primeiros a ingressarem numa universidade passando a ser motivo de orgulho para elas. Ocorrem ainda inúmeras situações em que os próprios familiares buscam o espaço para desabafar suas aflições ou mesmo para compartilhar suas preocupações e sonhos relativos aos seus filhos. É como se o filho passasse a ser uma extensão deles próprios, cuja meta principal está na conclusão do ensino superior.

Observando as diversas situações que se faziam presentes no cotidiano profissional por quase uma década, começamos a perceber que este fenômeno revelava uma expressão da questão social da sociedade brasileira atual. A questão social, hoje, coloca-se basicamente na produção e distribuição de riquezas. Traduz-se pela erosão dos sistemas de proteção social, pela vulnerabilidade das relações sociais e pelo questionamento da intervenção estatal (BELFIORE-WANDERLEY et al., 1997, p. 7).

Entendíamos que tais situações, certamente, deveriam repetir-se em outras instituições de ensino superior, e, portanto, eram passíveis de não serem fatos isolados, e sim de ser, provavelmente, uma problemática nacional.

Os assistentes sociais trabalham com a questão social nas suas mais variadas expressões cotidianas, tais como os indivíduos as experimentam no trabalho, na família, na área habitacional, na saúde, na assistência social pública, etc. Questão social que, sendo desigualdade também é rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem (IAMAMOTO, 1999, p. 28).

Concomitantemente passamos a tornar-nos mais atentas ao que realmente aqueles jovens e seus familiares queriam nos dizer. Na busca desta compreensão, foi-nos possível constatar que as preocupações eram várias não apenas por aqueles que trabalham nas universidades comunitárias, como também por aqueles que são trabalhadores das universidades públicas e privadas com fins lucrativos.

Diante deste “quadro pintado”, muitas vezes de cores pouco definidas, dificultando para aquele que o vê como realmente o é, ou se mostra, buscamos compreender e interpretar esta problemática. Com o objetivo de dar nossa contribuição, e voz para aqueles que atualmente são os jovens bolsistas e os gestores dos programas de bolsa de estudos das universidades comunitárias, o Programa de Bolsa Filantropia e o Programa Universidade para Todos – PROUNI.

Tal indagação levou-nos à busca de respostas, bem como de uma compreensão mais profunda das experiências vivenciadas pelos jovens bolsistas em sua trajetória de formação acadêmica em curso de graduação. Tornou-se, portanto, preponderante a necessidade de investigação, análise e enfrentamento da questão posta.

A escolha pela universidade comunitária como lócus da pesquisa deve-se a três motivos: por ter estudantes jovens bolsistas<sup>2</sup>; pelo seu papel social; e por mostrar-se engajada numa proposta de oferecer um ensino de qualidade.

Compreender na íntegra como ocorrem inquietações juvenis, principalmente para os jovens que provêm das classes sociais de menor poder aquisitivo, pelo significado da realização de um sonho, ou seja, o acesso e a permanência na universidade comunitária. Entretanto, para se manterem numa instituição de ensino superior, de cunho privado, e assim dar prosseguimento à sua formação acadêmica, pois mesmo tendo recebido bolsa parcial ou bolsa integral, para fazer seu curso, seja pelo Programa da Bolsa Filantropia, oferecido pela universidade, seja pelo PROUNI, programa governamental, para muitos, isso ainda não o é suficiente, uma vez que, embora contando com tal benefício, encontram inúmeras dificuldades em manter-se na universidade comunitária e acabam, em muitas circunstâncias, evadindo-se, deixando para trás ou, às vezes, retardando o seu sonho, frustrando os seus anseios e os da família. Provavelmente, demarcando a impossibilidade de ascender socialmente, pela formação acadêmica, inclusive com melhor colocação profissional no mercado de trabalho.

Diante desse cenário, passamos a desejar percorrer este caminho não somente como professora, ou assistente social, ou gestora de um espaço de acolhimento e proposição de políticas sócio educacionais em uma universidade comunitária, mas compreendemos, naquele instante, que desejávamos fazê-lo como pesquisadora. Daí provém a tese com a indagação: *será o processo de inclusão na universidade comunitária uma ilusão para os jovens bolsistas?* Buscando essa resposta é que dialogamos neste artigo que lhes apresentamos.

---

<sup>2</sup> Optamos por dois tipos de concessão de bolsa (Filantropia e PROUNI), entre outros, por serem os mais buscados pelos alunos que solicitam auxílio para os estudos na Universidade, como também tais programas são comuns às Universidades Comunitárias.

## 1.2. O CAMINHO DA INDAGAÇÃO

Na busca pela resposta quanto à indagação primeira, “*por que o processo de inclusão é ilusório para o jovem bolsista universitário?*” trouxemos o conceito de moratória em suas duas dimensões moratória vital e moratória social, permeado pelos conceitos de exclusão e inclusão, uma vez que estão intimamente imbricados, para nos auxiliar nas reflexões e na contextualização da construção social do conceito de juventude.

Como também a fim de alicerçar a construção deste estudo em novas contribuições sobre juventude, buscamos em Margulis e Urresti (1998 e 2000) os conceitos de moratória vital e moratória social, por entendermos que eles nos apresentam não apenas outro olhar para o tema em questão, mas nos convidam a ampliar este campo de visão. Tal amplitude imbrica em um movimento, no nosso entender, inovador no que tange à discussão sobre juventude, auxiliando-nos na análise da pesquisa, pois agrega densidade a discussão. Dessa forma, tais conceitos contribuem com a formação de indicativos importantes de como os jovens, principalmente das camadas populares, são interpelados por eles.

Para Margulis e Urresti (2000) a moratória vital é um período da vida em que alguém está de posse de um excedente temporal, como se fosse um crédito, de que é possível dispor, diferentemente daqueles que já não são jovens, em que este tempo é reduzido, pelo fator idade, por ser irreversível independente dos esforços empenhados para detê-los. É inerente ao jovem independentemente de classe social ou de gênero. Já a moratória social é a possibilidade de postergar exigências, sobretudo que provêm da própria família e do trabalho, tempo legítimo para que seja dedicado aos estudos e a capacitação, postergando o matrimônio, um estado de graça, por certo período, durante o qual a sociedade não faz exigências aos jovens, há uma total tolerância.

As reflexões de Cassab sobre a compreensão da construção do conceito juventude permeiam pelo entendimento que:

[...] ser jovem é sempre uma condição transitória, é uma travessia, uma passagem sinalizada não só por algumas peculiaridades físicas, sem dúvida, mas também por atributos que são históricos e socialmente construídos. Como travessia, não está nitidamente delimitada, é mais longa nas sociedades industriais, e foi extremamente breve em outros períodos; mas, de todo o modo, ela parece marcada por seu caráter limiar, de superação da infância e de margear a idade adulta (2001,p.64).

A construção do conceito juventude organizou-se, paulatinamente, de acordo com as ideologias vigentes em cada formação sociocultural. Ideologias “não são simplesmente uma ou outra idéia, uma mentira ou uma ilusão, são um conjunto muito mais vasto, orgânico, de valores, crenças, convicções, orientações cognitivas, de doutrinas, teorias, representações” (LÖWY, 1991, p.29).

Elegemos três categorias basilares: família, educação e trabalho para falarmos das condições econômico-sociais e culturais que vivem o jovem no Brasil atual. A escolha dessas três categorias deve-se a três motivos: primeiramente por eles permearem a construção do conceito de juventude ao longo da história social; em segundo lugar, por eles constituírem-se em dimensões importantes da vida social do jovem no Brasil; e em terceiro, e que é de caráter extremamente importante para a pesquisa proposta, porque o tema permeia estas três dimensões. Na medida em que se discute o processo de inclusão ilusória do jovem bolsista na universidade comunitária, torna-se indispensável debruçarmo-nos sobre a família moderna e suas mutações e esta relação com o jovem. A educação, como um direito que não encontrou sua estabilidade, e, portanto, mesmo sendo uma política pública, ainda está longe de tornar-se de caráter universal a todos os jovens brasileiros. O trabalho, que se apresenta como um importante valor para o jovem, na lógica do sistema capitalista, numa sociedade em desenvolvimento, principalmente, não está disponível a todos, principalmente nos países do terceiro mundo onde a taxa de desemprego tem apresentado grande evolução nos últimos anos.

Na construção dos cenários em que se constitui a condição do jovem, considerou-se a importância de localizarmos no tempo e no espaço histórico - social aspectos que fazem parte do universo de uma parte da juventude no Brasil. Em especial, a dos jovens provenientes das camadas populares, uma vez que tais aspectos tornam-se chaves importantes para uma melhor compreensão dos sujeitos que fazem parte do estudo. Apesar de serem interdependentes estes enfoques estão intimamente correlacionados pelos conceitos de moratória vital e social e de exclusão social e inclusão social.

Para o jovem brasileiro proveniente das classes de menor poder aquisitivo, principalmente, percebe o ingresso no ensino superior como um instrumento de alavanca para sua ascensão social e de certa forma sua inclusão na universidade.

Ao fazer-se uma contextualização do ensino superior, faz-se imprescindível considerar as transformações societárias e os desafios postos à universidade no Brasil atual e principalmente no Rio Grande do Sul.

Concordamos com Wanderley (2005), quando comenta que a universidade é situada e datada. Assim sendo, é condicionada à realidade na qual está inserida, a partir de injunções de todos os tipos, seja de ordem econômica, social, cultural, política ou religiosa. Sousa Santos (1997) acrescenta que as transformações políticas e econômicas ocorridas no mundo forçosamente, obrigam a instituição a repensar o seu lugar e a sua função na sociedade.

Para Chauí:

a universidade é uma instituição social e como tal exprime de maneira determinada a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo. Tanto é assim que vemos no interior da instituição universitária a presença de opiniões, atitudes e projetos conflitantes que exprimem divisões e contradições da sociedade como um todo (2003, p.1).

A ênfase dada pelos três autores quanto à dimensão em que são permeadas as relações da universidade com a sociedade e o Estado mostram a complexidade desta instituição.

Como a pesquisa se refere ao processo de inclusão do jovem bolsista na Universidade Comunitária é necessário considerar acerca da instituição de ensino superior privada, mas de caráter público não-estatal (FRANTZ, 2002; NEVES, 2003) e os processos que utiliza para a inclusão acadêmica de estudantes com menor poder aquisitivo, como a concessão de bolsas de estudo.

Focaliza-se a universidade comunitária, como modalidade de instituição superior, muito presente na Região Sul do país. Dentre suas características principalmente o seu papel social, como instituição privada, de caráter público, não-estatal. Por isso também a iniciativa de trabalhar com programas de concessão de bolsa de estudos como possibilidade de inclusão acadêmica.

### **1.2.1. A CONCRETIZAÇÃO DA INDAGAÇÃO**

A concretização da indagação trata dos dados empíricos, resultado dos discursos dos sujeitos. Esses se constituem em dois grupos: um grupo formado por alunos bolsistas dos programas de bolsa filantropia e PROUNI, e o outro grupo formado por gestores da Universidade Comunitária. A discussão dos dados da pesquisa é o traço principal do estudo, pois é por meio dela que vamos ouvir, ou melhor, dizendo "ler a voz" através do discurso dos sujeitos. Buscou-se neste espaço traduzir o significado e o deciframento desses discursos, por meio da metodologia de análise de dados qualitativos, denominada análise de conteúdo, na tentativa de compreender o significado do processo de exclusão-inclusão do jovem aluno bolsista na universidade comunitária e o quanto este processo é real ou ilusório.

A pesquisa é parte integrante e intrínseca do exercício da profissão de Serviço Social, uma vez que, por meio do seu projeto ético-político e os atuais postulados teórico-metodológicos, busca interpretar com maior rigor possível a realidade, para que nela possa atuar de forma esclarecida. Entendemos que podemos contribuir como pesquisadora para que, também, outras áreas do saber possam utilizar-se destes dados com propriedade no campo do conhecimento e pesquisa, bem como, na ação profissional.

A pesquisa qualitativa tem sua importância definida quando queremos conhecer as percepções do sujeito por meio do contato direto. É neste contato que nos é possível ouvir sua história, respeitando este sujeito e sua estrutura, buscando entender os fatos, da interpretação que faz deles em sua vivência cotidiana. Optamos pela pesquisa qualitativa, pelo tipo de proposta que desenvolvemos com base na definição do objeto que foi investigado.

Estabelecemos como problema da pesquisa: Quais são as estratégias para a construção do processo emancipatório do jovem bolsista, na busca de seu protagonismo juvenil, na sua formação acadêmica?

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar como a moratória juvenil (vital e social) é interpelada pelo jovem aluno bolsista, na formação acadêmica na universidade comunitária.

Elegemos três objetivos específicos que darão a direção característica de cada eixo de análise:

1. Conhecer como os jovens bolsistas se organizam economicamente e socialmente para subsidiar sua formação acadêmica na universidade comunitária.
2. Analisar as formas de inclusão para efetivar e concretizar a cidadania dos jovens bolsistas na formação acadêmica na universidade comunitária.
3. Analisar como a universidade comunitária compreende o processo de inclusão do jovem bolsista na busca da sua formação acadêmica.

A seguir, apresentamos algumas das questões norteadoras:

- A família do jovem bolsista participa da sua manutenção financeira na universidade?
- Qual é a percepção do jovem aluno sobre sua trajetória na universidade?
- O processo de concessão de bolsas de estudos para jovens bolsistas tem proporcionado melhores condições de acesso à universidade e permanência nela?
- Quais são as ações da universidade que possibilitam a ampliação de cidadania dos jovens alunos bolsistas?
- De que forma a universidade concebe/compreende a moratória juvenil?

Classificamos essa pesquisa como exploratória. De acordo com Minayo (2000) com base na perspectiva dialética, apresentamos quatro pontos fundamentais em que se processa o conhecimento: o primeiro é que a pesquisa tem um caráter aproximativo, o segundo está relacionado ao caráter de inacessibilidade do objeto, o terceiro refere-se à vinculação entre pensamento e ação; e o quarto destaca o caráter originalmente interessado do conhecimento em sua relativa autonomia. É importante ter claro que o olhar sobre o objeto está relacionado historicamente pela posição social do pesquisador e pelas diferentes correntes de pensamento na sociedade. A originalidade do estudo consiste em três pontos: a universidade possui um público predominantemente formado pelo segmento juvenil, contudo, parece não considerar importantes componentes do conceito juventude, como a moratória vital e a moratória social; há poucas produções que abordem a voz dos alunos bolsistas (especialmente que provêm do PROUNI), que tratem do significado da bolsa de estudos na vida dos jovens na universidade comunitária; e um enfoque crítico à visão simplista de que basta ter bolsa e a vida social do jovem bolsista apresenta-se sem maiores problemas.

Com o objetivo de nos aproximarmos mais do universo pesquisado, não apenas pelo referencial bibliográfico, optamos por realizar um levantamento social, tendo como base processos de alunos que solicitaram bolsas filantropia e PROUNI para a Universidade Comunitária, denominada doravante de Universidade Comunitária **A**.

Foram 100 (88%) processos cujos alunos solicitavam bolsa filantropia (parciais e integrais) e 13 (12%) processos de estudantes que concorriam ao PROUNI atendidos no período de 2005/2 e 2006/1, somando um total de 113 processos de bolsa. Este total equivale a 7% dos processos de solicitação de bolsa, na época,



somente para estas duas modalidades na universidade anteriormente citada. Os processos foram escolhidos de forma aleatória, por sorteio, pelo número do processo. O número menor de processos PROUNI deve-se ao fato de que a Universidade Comunitária A fez a adesão ao Programa ao final do ano de 2005, inicialmente com a oferta de um número menor de vagas até então do que era oferecido pelo Programa de Bolsas Filantropia.

Buscamos em Moraes a metodologia de análise de conteúdo mais adequada para tratar os dados da pesquisa, uma vez que:

a compreensão de contexto evidencia-se, cada vez mais, como indispensável para entender o texto. A mensagem da comunicação é simbólica. Para entender os significados de um texto, portanto, é preciso levar o contexto em consideração. É preciso considerar, além do conteúdo explícito, o autor, o destinatário e as formas de codificação e transmissão da mensagem (1999, p.12).

Os dados colhidos após serem transcritos foram analisados, de acordo com o quadro de análise das categorias, segundo Moraes (1999), conforme foi apresentado anteriormente. Por meio das três categorias intermediárias, organizamos a forma de apresentação dos dados. As análises foram feitas sempre a partir dos sujeitos sociais com relação ao seu tempo e espaço. Os dados serão apresentados conforme o seu agrupamento, respeitando-se uma classificação feita anteriormente e que recebeu algumas modificações de acordo com o movimento dialético da própria investigação: organização econômico-social, juventude e formação acadêmica. A análise feita é permeada pelas categorias finais trabalho, educação e inclusão social.

Pensamos que seja possível dizer que o processo de exclusão e inclusão social do jovem bolsista na universidade comunitária ocorre em linhas, às vezes, muito tênues, devido à relatividade dos dois conceitos (XIBERRAS, 1993). Porque dependerem do espaço ao qual fazem uma referência implícita, faz-se necessário perguntar: inserir onde? excluído de quê? Na tentativa de respondermos às perguntas, referindo-se a primeira, entendemos que, quando se fala de arranjar o espaço, lugar, ele já está definido como a universidade comunitária, com todo o conjunto de relações socioeconômico-histórico-culturais ao qual ela se vincula e o qual ela representa na sociedade. A segunda indagação refere-se ao jovem bolsista universitário, que, mesmo estando inserido na universidade comunitária, pode não estar integrado, pois a *integração* supõe a escolha e a participação. Não se trata de estar ao lado dos outros apenas, mas principalmente de estar com os outros.

Entendo que o jovem ao entrar numa universidade, mesmo não pertencendo a uma classe social mais abastada, tende a buscar rapidamente uma integração, pois numa universidade comunitária ou não, ele atinge o status de “universitário”, e isso lhe confere certas prerrogativas para a integração com seu grupo (EG 8).

O gestor comenta sobre o status de ser um universitário, no Brasil e que isso concede ao jovem certas prerrogativas para a integração. É como se fosse um passaporte de acesso a determinado grupo e permanência nele, ou mesmo, a outros grupos.

Diante dessa afirmativa, pensamos que seja necessário que se reflita sobre o processo de inclusão social. Ele ocorre somente, porque o jovem bolsista teve acesso à universidade comunitária, e sua permanência com sucesso depende de que ele possa se integrar nesse ambiente, por ser um universitário? A moratória vital que independe de etnia, classe ou mesmo gênero está presente em cada jovem, e isso o identifica e o aproxima, dependendo da forma como a vivencia. Mas perguntamos: é o bastante para inseri-lo ou mesmo integrá-lo? Outro fato a ser considerado, é de que a moratória social no contexto acadêmico mostra-se extremamente presente, mesmo que não seja mencionada, seja nas diversas tribos de jovens, seja na instituição de ensino superior.

Ao final, fica a pergunta que tentamos perseguir neste trabalho: *Por que o processo de inclusão é ilusório para os alunos bolsistas universitários?*

Todo o jovem tem direito ao acesso a uma boa educação e deve mesmo lutar por este direito. O Estado Brasileiro, que tradicionalmente demonstrou grandes limitações em termos de recursos destinados para o Ensino Superior – (e os poucos recursos destinados, ainda, muitas vezes, acabam alimentando instituições esclerosadas e pouco produtivas) – tem também a histórica vantagem de estar rodeado de iniciativas civis comunitárias (religiosas ou não), que ajudam, de forma subsidiária, a atender ao direito dos jovens (EG 11).

E o sonho do jovem bolsista...

Ah! eu espero, [...] espero assim que futuramente eu consiga tá bem, muito bem, assim trabalhando. [...]. E assim, eu quero continuar fazendo curso né, de repente fazer um curso de inglês ou outra língua e fazer o curso de Psicologia, porque eu espero que esteja assim muito bem, numa empresa grande e a vida estável assim né profissionalmente, poder fazer o curso de Psicologia (E 7).

Quero ajudar minha família. Como que vou concretizar? Estudando e podendo. Meu sonho era um dia chegar agora com um caminhão pro meu pai, dá pra ele mesmo que ele não trabalhe mais só pra ele ter, bota um motorista pra trabalhar. Eu queria poder dá dinheiro pra eles, ajudar eles.[...], penso em ajudar eles a minha irmã fazer uma faculdade (E 4).

Eu pretendo me formar em Farmácia, ser bacharel em farmácia. Logo após fazer um mestrado em alguma coisa relacionada a diagnóstico molecular, ou biologia molecular e fazer um doutorado também nessa área, [...] porque, se eu pará agora eu sou mais um entendeu, eu acho assim, eu pretendo continuar assim... fazer a diferença (E 2).

As conclusões, são sempre preliminares, não são um ponto final. Significam um arremate num determinado tempo e espaço. No caminhar, vamos construindo e reconstruindo, a cada momento, conceitos, teorias, ações, valores.

Com base nos dados analisados do estudo, concluímos que os jovens alunos bolsistas não vivenciam a vida acadêmica em sua totalidade, devido às injunções pertinentes à sua condição socioeconômica cultural que impedem que isso aconteça na realidade concreta. O processo de inclusão acadêmica, mesmo para os alunos que têm bolsa de estudos na universidade comunitária não se dá de forma completa, por isso entendemos que a sua permanência na formação superior é intranquila e que o processo de inclusão é ilusório, diferentemente do que o sistema de ensino superior brasileiro preconiza e defende, isto é, que o jovem bolsista, por ter uma bolsa de estudos, tem assegurada sua total inclusão acadêmica na universidade comunitária. Compreendemos que tal premissa se dê aparentemente de forma simplista, havendo a necessidade de fazermos uma leitura crítica sobre essa situação que reflete uma das expressões da questão social. Ter bolsa de estudos não constitui para o jovem bolsista um “porto seguro” para permanecer na universidade, haja vista os discursos dos estudantes que revelam em cada pronunciamento a necessidade que têm de buscar recursos financeiros, para manterem-se estudando.

Além disso, ao olharmos o ensino superior brasileiro e o segmento juvenil, fica uma certeza: falta muito ainda para que políticas públicas mais amplas possam ocorrer no sentido de alcançar essas outras necessidades que se mostram como impeditivos de uma plena inclusão acadêmica.

O conhecimento gerado pela existência dos dois conceitos de moratória, vital e social, pode transformar-se em importante aliado quanto ao uso de critérios para pesquisas futuras sobre juventude, bem como para a organização de políticas sociais voltadas à juventude, uma vez que se torna mais presente e clara a ideologia que permeia a produção sobre juventude. Contudo, fica o questionamento: As universidades comunitárias oferecem espaço para que o protagonismo juvenil possa manifestar-se de diferentes formas? Será que não estamos por demais acostumados a observar o protagonismo juvenil por um único ângulo?

Por fim, o artigo busca compartilhar estas indagações sobre aqueles que têm bolsa de estudos e que, ao olhar de muitos, se mostram como sujeitos tidos por “terem muita sorte”, devido à bolsa de estudos. Calcadas na pesquisa realizada, entendemos que ela não nega isso, mas nos remete a ir além, quando possibilita a discussão de qual é a real qualidade desta inclusão, atenta aos condicionamentos pertinentes à condição de juventude no Brasil, uma vez que leva o jovem bolsista das classes de menor poder aquisitivo a ingressar mais rapidamente no mundo adulto.

## BIBLIOGRAFIAS

BELFIORE-WANDERLEY, Mariângela; BÓGUS, Lúcia; YASBEC, Maria Carmelita (orgs.). **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDC, 1997. pp.200.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin. **Jovens pobres e o futuro**: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza. Niterói: Intertexto, 2001. pp.208.

CHAUÍ, Marilena. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, n.24, p.4-15, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2007.

FRANTZ, Walter. **Universidade comunitária**: uma iniciativa não – estatal em construção. Unochapecó: Universitária Argos, 2002. pp.22.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 1999. pp.326.

LÖWY, Michael. **Ideologias e ciência social**: elementos para uma análise marxista. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1991. pp.112.

MARGULIS, Mario; URRESTI Marcelo. La construcción social de la condición de juventud. In: CUBIDES, Humberto. **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998. pp.3-21.

MARGULIS, Mario; URRESTI Marcelo. La juventude es más que uma palabra. In: \_\_\_\_\_ (org.). **La Juventude es más que uma palabra**. Buenos Aires: Biblos, 2000. pp.13-30.

MINAYO, Maria Célia de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 7.ed. Rio de Janeiro: Abrasco, 2000. pp.269.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, v.22, n.37, p.7-32, 1999.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. O ensino superior no Rio Grande do Sul. In: MOROSSINI, Marília Costa (org.). **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Porto Alegre: FAPERGS/RIES, 2003. pp.199 -216.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1997. pp.348.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. Universidades e sociedades. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo: Cortez, ano 26, n.81. 2005. pp.156-177.

XIBERRAS, Martine. **As teorias da exclusão**: para uma construção do imaginário do desvio. Tradução José Gabriel Rego. Lisboa: Instituto Piaget, 1993. pp.251.